

**TAXA DE OCUPAÇÃO DAS ARENAS APÓS A COPA DO MUNDO FIFA NO BRASIL:
UMA QUESTÃO DE ENGENHARIA DE EMPREENDIMENTOS**

Marco Antonio Campos¹
André Munhoz de Argollo Ferrão²

RESUMO

No ano de 2014 o Brasil sediou o maior campeonato de futebol do mundo, a Copa do Mundo da FIFA, evento este que reuniu as 32 melhores seleções nacionais da atualidade num torneio aguardado com empolgação por todos os amantes do esporte mais popular do planeta a cada quatro anos. Para sediar este mundial o Brasil reformou (atualizou) ou construiu 12 estádios, que passaram a ser chamados de arenas, assumindo o perfil contemporâneo de grandes espaços de uso múltiplo. Todavia, alguns questionamentos remetem ao uso original desses espaços, qual seja, abrigar jogos de futebol. Sendo assim, qual teria sido a taxa de ocupação desses estádios (ou, arenas) no principal campeonato de futebol do país logo após a Copa do Mundo? Este Trabalho apresenta o resultado de um levantamento feito com base nos dados oficiais da CBF para o campeonato brasileiro de futebol da primeira divisão. Os números não parecem animadores, mas dão mostras de que há meios de reverter o quadro e atingir em determinadas circunstâncias uma taxa de ocupação nas arenas semelhante àquelas verificadas durante o mundial. Para isso há que se proceder a um adequado plano de gestão do futebol, considerado um dos maiores negócios do esporte e da indústria de entretenimento no mundo todo.

Palavras-chave: Estádios de Futebol. Copa do Mundo FIFA. Gestão de Empreendimentos. Arenas Esportivas. Indústria de Entretenimento.

1-Pós-doutorando, Doutor, Engenheiro Civil, FEC-UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.
2-Professor Livre Docente, Doutor, Engenheiro Civil, FEC-UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.

ABSTRACT

Occupancy rate in the Brazilian arenas constructed for FIFA World Cup: a matter of engineering and projects

In the year 2014 the Brazil hosted the biggest football tournament in the world, the FIFA World Cup, an event that brought together the top 32 selections today's national a tournament awaited with excitement to all lovers of the most popular sport on the planet every four years. To host this event Brazil has reformed (updated) or built 12 stadiums, which began to be called arenas, assuming the profile of contemporary large spaces for multiple use. However, some questions refer to original use of these spaces, which is sheltering football matches. Thus, what would have been the rate of occupancy of these stadiums (or, arenas) in the main football competition of the country immediately after the FIFA World Cup? This work presents the results of a survey carried out on the basis of official data from CBF to the Brazilian football championship of the first division. The numbers do not seem to be encouraging, but show that there is a way to reverse the situation and achieve in certain circumstances an occupancy rate in arenas similar to those observed during the world.

Key words: Football Stadium. FIFA World Cup. Projects Management. Sport Arenas. Entertainment Industry.

E-mails dos autores:
engenheiromarcoantonio@hotmail.com
argollo@fec.unicamp.br

Endereço para correspondência:
Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas-FEC-UNICAMP, Cidade Universitária "Zeferino Vaz" - Distrito Barão Geraldo - Caixa Postal 6021, Campinas-SP.
CEP: 13.083-852
Tel: (19) 3521-2304 - Fax: (19) 3521-2411

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo da FIFA realizada no Brasil no ano de 2014 resultou na construção ou atualização de doze estádios para a competição, todos estes no chamado “padrão FIFA”, isto é, sem o setor das “Gerais” tão comum nos antigos estádios brasileiros.

Assentos individuais em cadeiras numeradas, área de recepção ao público, sanitários em número e qualidade compatíveis, postos de venda de bebida e alimentação, locais especiais para a Imprensa, camarotes, espaços culturais e anexos oferecem todo o conforto que também está presente nos vestiários, com áreas para aquecimento das equipes, hidromassagem, enfim tudo para proporcionar um grande espetáculo.

A soma de capital investido nesses estádios chegou a R\$ 8,48 bilhões, superando em 42% os valores dos “projetos-matriz”, que era de R\$ 5,97 bilhões.

Não é objetivo deste trabalho especular os méritos dos acréscimos nos orçamentos, tampouco discutir a questão referente à necessidade e oportunidade da construção ou reforma dos 12 estádios, já que muitos estádios do País sequer foram cogitados para receber jogos da Copa, como o Pacaembu, por exemplo, patrimônio de São Paulo, que recebeu jogos da Copa do Mundo FIFA de 1950 (Argollo Ferrão e Overa, 2013).

Todavia, consideramos ser uma importante área da Engenharia o planejamento e a gestão de empreendimentos civis esportivos, incluindo todas essas questões, desde a fase dos estudos de viabilidade e concepção do projeto até as fases pós-ocupação (Overa, Argollo Ferrão e Campos, 2014).

O futebol brasileiro sempre se destacou como formador de bons jogadores, prova disto é a grande quantidade deles sendo escolhidos como melhores do mundo. O Brasil é a nação do rei Pelé, o rei do futebol, Atleta do Século (Título recebido após eleição no mundo todo em que concorreram atletas de todas as modalidades reconhecidos como verdadeiros ícones mundiais do Esporte no século XX). Uma história tão bonita não merecia ter sido manchada pelo resultado do jogo das semifinais contra a Alemanha, neste último mundial.

Tão grave foi o que aconteceu em Belo Horizonte (no “Mineirão” reformado de acordo com o “padrão FIFA”), que nem se comenta o vexame que a mesma seleção proporcionou dias depois, em Brasília, na disputa pelo terceiro lugar contra a Holanda (no estádio “Nacional”, também reformado com o “padrão FIFA”).

Duas derrotas acachapantes que escancaram a falta de planejamento e o baixo nível da gestão do futebol no Brasil.

O objetivo deste Trabalho é apresentar a evolução da taxa de ocupação pelo Futebol do Brasil dos 12 estádios após a Copa do Mundo. Portanto, procedeu-se a um levantamento com base nos dados oficiais do Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A - o chamado “Brasileirão” -, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Trata-se do maior e melhor campeonato nacional de futebol, visto que contempla os 20 melhores times brasileiros, objetos da paixão das maiores torcidas do país. Todas as rodadas são transmitidas pela televisão, com índices relevantes de audiência, haja vista à cota de transmissão pagas pelas TVs aos clubes.

Os patrocinadores, as bilheterias, a venda de produtos licenciados (ou mesmo os “pirateados”), os investimentos que fazem os clubes para se manterem na série A, tudo isso, apesar das graves distorções do sistema “FIFA-CBF”, demonstra um grande potencial de negócios. Falta, todavia, gerenciamento, falta o que consideramos ser a “Engenharia do Empreendimento Futebol”.

Os 12 estádios – ou arenas “padrão FIFA” – não estão conseguindo manter uma taxa de ocupação compatível com a observada na Copa do Mundo, salvo algumas exceções. Pois durante o mundial todos os jogos tiveram 100% dos ingressos vendidos, alguns com meses de antecedência e a preços superiores aos cobrados no “Brasileirão”.

O objetivo principal do levantamento realizado a partir dos borderôs, boletins financeiros, dos clubes - disponíveis no site da CBF - sendo, portanto, informação de livre acesso, consiste em verificar a quantidade de torcedores presentes nos estádios utilizados na Copa do Mundo de 2014 nos jogos do Campeonato Brasileiro da Série A, após o Mundial, até o fim deste campeonato. Assim, considerando todo o segundo semestre de 2014 como período de análise deste estudo,

foi possível avaliar em que medida o público acostumado a acompanhar o seu clube do coração abrigou as novas arenas - decantadas como um dos principais "legados" da Copa FIFA.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nas 12 arenas utilizadas na Copa FIFA, foram realizados 116 jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol da série A após o Mundial, ou seja, no segundo semestre de 2014.

Em 5 (cinco) deles não houve público devido a imposições restritivas resultantes de punições aos clubes "mandantes", sendo 4 (quatro) com mando do Clube Atlético Paranaense em seu estádio, a Arena da Baixada; e 1 (um) do Esporte Clube Bahia no Estádio Itaipava Arena Fonte Nova (ambos reformados para a Copa FIFA).

Não foram realizados estudos referentes a arrecadação nos jogos, pois cada clube é responsável por estipular o preço dos ingressos nos jogos sob seu mando, considerando os vários setores do estádio e também os diferentes tipos e perfis de torcedor, já que hoje em dia os programas de sócios-torcedores vêm ganhando cada vez mais relevância no cômputo geral da arrecadação dos clubes.

Organizou-se uma planilha em que os dados foram compilados e analisados de acordo com os objetivos do estudo, gerando resultados que permitiram aprofundar as discussões sobre a evolução da taxa de ocupação nos estádios da Copa após o grandioso evento da FIFA no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta o custo total das obras empreendidas em cada arena, que variou de R\$518 milhões (Arena Castelão) em Fortaleza [CE] a R\$1,4 bilhões (Estádio Nacional) em Brasília [DF]; já o valor unitário correspondente a cada assento do respectivo estádio apresenta uma variação de R\$7.326,00 (Arena Beira Rio) em Porto Alegre [RS] a R\$22.500,00 (Arena Corinthians) em São Paulo [SP].

A capacidade dos estádios varia de 42.000 (Arena das Dunas) em Natal [RN] a 78.800 (Maracanã) no Rio de Janeiro [RJ] (OESP, 2015). A média de público e a taxa

média de ocupação em cada estádio utilizado para os jogos do Campeonato Brasileiro da Série A no ano de 2014 após a realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil são apresentadas na Tabela 2.

A partir da análise inicial dos dados a situação é preocupante, pois a taxa média de ocupação, dada pela relação entre a capacidade máxima do estádio e a quantidade de ingressos vendidos constante nos borderôs de cada jogo, indica uma ocupação de 47,14%, ou seja: um pouco menos que a metade da capacidade máxima; com média de 24.196 torcedores pagantes por jogo. Ao analisar cada estádio em separado tem-se:

- Arena da Amazônia: 3 jogos e taxa de ocupação de 63,52% e uma média de público de 28.139 torcedores;
- Arena Corinthians, particular: Sport Club Corinthians Paulista, com 13 jogos e ocupação média de 64,69% e público de 31.050 torcedores (média por jogo);
- Arena da Baixada, particular: Clube Atlético Paranaense, recebeu um total de 13 jogos com média de ocupação de 38,68% e 16.631 torcedores (média por jogo), excluídos os 4 jogos que não tiveram torcedores devido a sanções disciplinares ao clube;
- Arena Pantanal: 3 jogos no total com ocupação média de 59,67% e média de 26.256 torcedores/jogo;
- Beira Rio, particular do Sport Club Internacional, com 14 jogos e taxa de ocupação de 49,36% resultando num público médio por jogo de 24.679 torcedores;
- Itaipava Arena Fonte Nova, concedido à iniciativa privada, recebeu 14 jogos com taxa de ocupação de 29,56% e público médio de 14.191 torcedores, excluindo 1 jogo sem torcida;
- Itaipava Arena Pernambuco, concedido à iniciativa privada, com 7 jogos, ocupação média de 53,34% e 24.538 torcedores de público médio;
- Maracanã, concedido à iniciativa privada, o de maior capacidade de público entre os 12 da Copa, foi o estádio que mais recebeu jogos do "Brasileirão" da série "A" pós-Copa, 30 no total, apresentando ocupação média de 32,69% e público médio de 25.762 torcedores;

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- Minas Arena, concedido à iniciativa privada, recebeu total de 15 jogos com taxa de ocupação de 52,17% e uma média de 33.910 torcedores por jogo;
- Nacional de Brasília recebeu 3 jogos com média de ocupação de 23,08% e público 16.803 torcedores;

Tabela 1 - Custo total e unitário por assento dos 12 (doze) estádios utilizados na Copa do Mundo da FIFA 2014.

Estádio	Cidade	Custo	Capacidade de torcedores	Custo unitário por assento (R\$)
Arena da Amazônia	Manaus [AM]	R\$ 660,5 mi	44.300	14.909,07
Arena Corinthians	São Paulo [SP]	R\$ 1,08 bi	48.000	22.500,00
Arena da Baixada	Curitiba [PR]	R\$ 391,5 mi	43.000	9.104,65
Arena das Dunas	Natal [RN]	R\$ 400 mi	42.000	9.523,81
Arena Pantanal	Cuiabá [MT]	R\$ 596,4 mi	44.000	13.554,55
Beira Rio	Porto Alegre [RS]	R\$ 366,3 mi	50.000	7.326,00
Castelão	Fortaleza [CE]	R\$ 518,6 mi	63.900	8.115,81
Itaipava Arena Fonte Nova	Salvador [BA]	R\$ 689,4 mi	48.000	14.362,50
Itaipava Arena Pernambuco	São Lourenço da Mata [PE]	R\$ 532,6 mi	46.000	11.578,26
Maracanã	Rio de Janeiro [RJ]	R\$ 1,05 bi	78.800	13.324,87
Minas Arena - Mineirão	Belo Horizonte [MG]	R\$ 695 mi	65.000	10.692,31
Nacional de Brasília	Brasília [DF]	R\$ 1,4 bi	72.800	19.230,77

Fonte: Adaptado OESP (2015).

Tabela 2 - Taxa média de ocupação dos estádios em jogos da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, no segundo semestre de 2014, após a Copa do Mundo da FIFA.

Estádio	Propriedade	Capacidade de torcedores	Quantidade de jogos	Média de público	Ocupação (%)
Arena da Amazônia	Público	44.300	3	28.139	63,52
Arena Corinthians	Particular	48.000	13	31.050	64,69
Arena da Baixada ⁽¹⁾	Particular	43.000	13	16.631	38,68
Arena das Dunas ⁽²⁾	Público	42.000	-	0	0
Arena Pantanal	Público	44.000	3	26.256	59,67
Beira Rio	Particular	50.000	14	24.679	49,36
Castelão ⁽²⁾	Público	63.900	-	0	0
Itaipava Arena Fonte Nova ⁽¹⁾	Concessão	48.000	14	14.191	29,56
Itaipava Arena Pernambuco	Concessão	46.000	7	24.538	53,34
Maracanã	Concessão	78.800	30	25.762	32,69
Minas Arena - Mineirão	Concessão	65.000	15	33.910	52,17
Nacional de Brasília	Público	72.800	4	16.803	23,08
Média				24.196	47,14%

Legenda: ⁽¹⁾ Não foram considerados na média de público os 5 (cinco) jogos realizados com portões fechados. ⁽²⁾ Estádios que não receberam jogos do Campeonato Brasileiro da Série A do ano de 2014 após a Copa do Mundo. Todavia receberam jogos da Série "B", e também da Copa do Brasil, que não constam deste estudo.

Fonte: CBF (2014).

CONCLUSÕES

Com base nos dados constantes nos borderôs dos clubes e disponibilizados no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) observa-se uma baixa taxa de ocupação na

maioria dos estádios, visto que em 5 destes a taxa média de ocupação não chegou a 50%, casos da Arena da Baixada, Beira Rio, Itaipava Arena Fonte Nova, Maracanã e Nacional de Brasília.

Os demais estádios (7 dentre os 12) apresentaram uma taxa de ocupação superior a 50%, mas que não chegaram a 65%, sendo que a taxa média de ocupação da Arena Corinthians (a maior dentre os 12) foi de 64,69%, o que não chega a 2/3 da capacidade total.

Dois estádios tiveram uma ocupação média próxima a 50%, casos da Itaipava Arena Pernambuco, com 53,34%, e a Minas Arena com 52,17%, estádio este onde o atual bi-campeão brasileiro, o Cruzeiro Esporte Clube, manda os seus jogos.

Alguns estádios merecem atenção, como é são os casos da Arena Amazônia e da Arena Pantanal – que receberam cada um 3 jogos da série “A” do “Brasileirão”, e obtiveram uma taxa de ocupação média próxima a 60% (elevada se comparada com a média do conjunto das 12 arenas da Copa). Mas, será que se recebessem mais jogos este índice continuaria neste patamar? Cabe a pergunta.

A verdade é que as capacidades de público destes estádios estão longe de serem atingidas em todos os jogos, como ocorre normalmente na Europa.

A violência protagonizada pelas torcidas organizadas, o alto preço dos ingressos, os péssimos horários dos jogos, e até a baixa qualidade dos confrontos inviabilizam ter casa cheia em todos os jogos. Falta organização do empreendimento, falta Engenharia, no sentido amplo do termo.

Outro ponto de destaque refere-se aos naming rights, tão aclamados quando das reformas / construção dos estádios, como “salvadores da pátria” que iriam subsidiar a manutenção das arenas e resultar em lucros para seus proprietários.

Apenas 2 dos estádios do Mundial assinaram contratos de naming rights (Itaipava Arena Fonte Nova em Salvador [BA] e Itaipava Arena Pernambuco em São Lourenço da Mata [PE]).

Outros estádios foram concedidos à iniciativa privada, Mineirão e Maracanã. Em ambas ações não houve êxito/lucro desejados. Um dos motivos atribuídos a estes “problemas” seriam a inexperiência dos antigos dirigentes e responsáveis pelos estádios: federações, clubes, governos estaduais.

Mas, definidas as sedes os responsáveis não poderiam se capacitar para enfrentar estes dilemas, buscar junto a

academia propostas para não enfrentar estas dificuldades?

Há que se considerar também os custos diretos e indiretos na manutenção de cada estádio, pois não são insignificantes, e já se fazem sentir quando se encontram falhas inadmissíveis para arenas tão novas (que dirá com o passar do tempo!).

Seria praticamente impossível pagar um empreendimento desses apenas com a bilheteria dos jogos, que – aliás, diga-se de passagem – tem sido a principal fonte de renda. Todos eles foram idealizados (dentro do padrão FIFA) com este propósito: estádios modernos para receber mais público. Propondo uma reflexão para todos os setores envolvidos: clubes, federações, patrocinadores, arrendatários, imprensa, torcedores, o que fazer para se ter êxito com o público nestes estádios em dias de jogo? Como aproveitar o legado da Copa do Mundo da FIFA 2014 em prol do futebol brasileiro? Que ações devem ser tomadas para um uso racional e sustentável das arenas?

Passado um ano do encerramento da Copa do Mundo já era hora de se ter estas respostas, mas parece que as mesmas continuarão por um bom tempo incógnitas, sem contar que o Campeonato Brasileiro 2015 já começou com os mesmos vícios e mazelas. Será que os administradores das arenas, clubes, federações e demais setores envolvidos têm um plano para resolver esta situação? Novidades como a MP do Futebol no Brasil, e as ações do FBI (órgão do Governo dos Estados Unidos) no cenário internacional podem acelerar uma mudança gerencial na FIFA e em todo o sistema que domina os “negócios” do esporte mais popular do planeta... Mudança que já deveria ter ocorrido.

No que se refere à Engenharia de Empreendimentos Esportivos, espera-se que estas respostas ainda incógnitas não se acumulem com os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, pois isso poderia representar uma década perdida de investimentos e utilização de todas as grandes obras realizadas para sediar os maiores eventos esportivos mundiais, num curto período de dois anos.

É hora de todos se unirem e formular respostas e ações para usufruirmos de todas as arenas com capacidade total de público igual aos principais campeonatos europeus,

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

pois temos bons jogadores e bons estádios... basta começarmos a virar este jogo, que sairemos vitoriosos. A boa Engenharia pode desempenhar papel essencial nesse contexto.

REFERÊNCIAS

1-CBF. Confederação Brasileira de Futebol. Boletins financeiros das partidas Campeonato Brasileiro da Série A. 2014. Disponível em: <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.Va_pYfIViko>. Acesso em: 22/07/2015.

2-OESP. O Estado de São Paulo. Arenas ficam vazias 1 ano após a Copa. Esportes, D3, 12/07/2015.

3-Argollo Ferrão, A. M.; Overa, A. F. Pacaembu: Patrimônio de São Paulo, templo del fútbol de Brasil. Abaco: Revista de Cultura y Ciencias Sociales. Gijón [Espanha]. Vol. 2-3. Núm. 76-77. p.99-106. 2013.

4-Overa, A. F.; Argollo Ferrão, A. M.; Campos, M. A. Um Estádio Municipal do Pacaembu competitivo: propostas de reforma física e de gestão. In: Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia - CONTECC 2014, Anais... Teresina [PI], 71a. SOEA, 2014. 4p.

Recebido para publicação em 29/11/2015

Aceito em 20/02/2016